

Cidades pensadas, cidades construídas: diferentes experiências nas tensões da modernidade.

Imagined cities, built cities: different experiences in the tensions of modernity.

Luciana Pessanha Fagundes*

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar os diferentes olhares lançados para as grandes cidades de finais do século XIX e início do XX, perpassadas pelas tensões da modernidade. Nosso intuito é justamente apontar como algumas observações e idéias gestadas sobre estas experiências possibilitaram pensar a cidade do Rio de Janeiro em momento muito especial: quando se preparava para a recepção dos reis da Bélgica em 1920.

Palavras-chave: cidade – modernidade – reis da Bélgica

Abstract: This article aims to analyze the different looks thrown to the big cities of the late nineteenth century and beginning of XX, permeated by the tensions of modernity. Our purpose is to point out how a few comments and ideas on these experiences managed to think the city of Rio de Janeiro in very special moment: when preparing for the reception of the kings of Belgium in 1920.

Key-words: city – modernity – Belgian kings

O surgimento das grandes metrópoles teve um efeito desorientador; modificando a sociedade urbana ao alterar consideravelmente seus hábitos físicos, sensoriais e mentais, construindo uma nova identidade, um novo estilo de vida. A modernidade do século XIX com seus ritmos peculiares gera uma multiplicidade de experiências, embriagadas na beleza transitória e fugaz do presente. Com um caráter paradoxal de ruptura com a rigidez do Iluminismo e exaltação da liberdade e subjetividade, o encontro destas tensões se ocorre justamente na cidade, mais precisamente em suas ruas e modernas avenidas.

* Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); aluna do curso de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais do Centro de Pesquisa e Documentação Contemporânea do Brasil (CPDOC/FGV); bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

Partindo de uma análise comparativa entre as experiências das grandes metrópoles européias, procuramos pensar a cidade do Rio de Janeiro em um momento muito especial: em sua preparação para a recepção dos reis da Bélgica em 1920. Nosso objetivo é apontar como algumas observações e idéias gestadas sobre estas experiências do século XIX e XX possibilitam pensar com uma melhor clareza a experiência urbana carioca compreendida dentro da singularidade da modernidade brasileira. Cabe ressaltar que estas experiências ou imagens da cidade produzidas não são puras, mas sim filtradas por uma percepção impregnada pela cultura herdada, pela tradição, daí a existência de grande heterogeneidade entre elas e a importância de observá-las, tomando-as como lugar e produto de um discurso que a modifica incessantemente (SCHORSKE, 2000). É a observação destas diferenças que nos ajuda a compreender melhor a nossa experiência.

Neste sentido, iniciamos com uma reflexão de Baudelaire sobre sua experiência em Bruxelas: “Nada de janelas. Passear pelas ruas, o que é amado por povos com alguma fantasia, não é possível em Bruxelas. Não há nada para ver e as ruas são impossíveis de usar” (BAUDELAIRE *Apud* BENJAMIN, 1985: 77). O discurso de Baudelaire traz à tona uma questão imprescindível sobre o estudo das cidades, que o importante é pensa-las como algo construído. Baudelaire construiu na citação acima, uma imagem de Bruxelas. Isto é que deve ser retomado, esta construção, ou melhor, esta recriação da cidade. É possível, então, observar as formas pelas quais uma cidade é lida. Ela pode ser a cidade da virtude, promotora da mobilidade social, como percebiam os iluministas do século XVIII, onde cabe destacar as idéias de Voltaire sobre Londres, considerada por ele a “Atenas da Europa moderna” (SCHORSKE, 2000: 54) capaz de promover mobilidade social, e irradiar a razão e o bom gosto. É nesta cidade como virtude que Adam Smith identifica as bases do progresso, da indústria e da cultura; onde há a formação de uma esfera pública burguesa e a separação cada vez maior desta em relação à corte e o monarca. Como observa Habermas, as cidades já não concentram apenas o poder econômico, mas também organizam espaços específicos para a troca de opiniões e comentários sobre as produções literárias da burguesia. Nesse sentido, na França do século XVIII, a corte ainda domina a cidade, mas na Inglaterra há uma preponderância da cidade. Na França, a oposição cidade - corte é muito maior por causa da maior presença do Estado. (HABERMAS, 1984).

Esta relação pode ser percebida, por exemplo, no projeto de reformulação urbana das mesmas. Em Londres, onde as reformas não foram tão intensas quanto em Paris, as transformações na cidade obedeceram a um esquema compacto em volta da antiga city, devido justamente à falta de um poder absoluto sobre a urbe. (CHIAVARI, 1985: 576). Caso diferente

se encontra em Paris, onde sobressai o poder executivo, a cidade é colocada sobre um controle central e prevalece o ideal urbanístico de Haussmann com suas longas séries de ruas, onde as instituições deveriam encontrar sua apoteose no traçado das avenidas. A reforma de Haussmann surpreendeu pela rapidez e pela monumentalidade de suas construções. refletindo “de um lado o clima geral de corrida à industrialização e, do outro, a necessidade ideológica de transformar a cidade em um grande monumento ao ímpeto do ‘progresso’” (CHIAVARI, 1985: 575).

Mas, ao longo do século XIX, as cidades carregaram também o estigma de propagadoras dos males sociais, cuja base é justamente a rejeição da idéia da vida boa na cidade moderna e a dramatização das condições urbanas. Há uma transformação negativa da paisagem social que frustra o quadro da cidade como virtude herdado do iluminismo.

Até a própria multidão das ruas tem, por si só, qualquer coisa de repugnante, que revolta a natureza humana (...) Esta indiferença total, este isolamento insensível de cada indivíduo no seio de seus interesses particulares, são tanto mais repugnantes e chocantes, quanto é maior o número destes indivíduos confinados neste reduzido espaço (ENGELS, F. Apud AZEVEDO, 1998).

A crítica feita por Friedrich Engels em 1845 demonstra esta rejeição da cidade como virtude, ressaltando o horrível espetáculo das multidões e do individualismo. As cidades eram acima de tudo o lugar onde se dava a exploração do proletariado, por isso esse olhar tão negativo. No entanto, Engels apresenta uma visão dialética da cidade, ao visualizá-la simultaneamente como local de exploração, mas também de emancipação do proletariado.

Todavia, este espaço urbano vai continuar a exigir mudanças no olhar, seus inúmeros atores, como a multidão, o *flâneur*, as avenidas, as festas, levaram à uma nova forma de perceber esta cidade (PESAVENTO, 1995) não mais como virtude ou vício, mas como a cidade para além do bem e do mal, na visão dos novos artistas modernos do *fin de siècle*. Esta perspectiva traz à tona a importância de se experimentar os momentos fugazes oferecidos pela vida urbana, ou seja, o que vale é a experiência, principalmente a da multidão, essencial para o enriquecimento da sensibilidade pessoal. Essa incorporação da multidão à cena moderna traz à tona a figura do *flâneur*, que tem a rua como laboratório. Um personagem coberto pelo anonimato que procura a multidão e acompanha o seu espetáculo. Ao contrário de Engels que tinha horror a este espetáculo, Baudelaire se entregava ao mesmo, que exercia sobre ele a mais profunda fascinação.

Outro exemplo de ‘olhares cruzados’ sobre a cidade pode ser encontrado nas perspectivas de Camillo Sitte e Otto Wagner sobre Viena e sua grande reforma urbana

concretizada na construção Ringstrasse. Para Sitte, personagem mais ligado à tradição, em parte devido à proveniência da classe artesã, o racionalismo utilitário da Ringstrasse foi visto com extremo negativismo. Mais coerente com os valores que guiaram a construção da Ringstrasse, estaria Otto Wagner. Em contato direto com seus construtores, Otto Wagner tomava a vida moderna como principal inspiração para criação artística, ou seja, o arquiteto teria que se libertar da história, da tradição e buscar uma linguagem visual adequada à época. O esforço pela renovação ou pela negação, no caso do Sitte, do passado ressaltam experiências dentro da capital de um império arcaico cujas reformas não foram capazes de alavancar definitivamente a locomotiva do progresso (SCHORSKE, 1988). Este grande dilema da modernidade também está presente na cidade de Lisboa. A conferência proferida por Antero de Quintal em 1871 é um bom diagnóstico deste presente visto como decadente, e a única forma de se reassumir um lugar na civilização e na modernidade seria quebrar com o passado, ao qual deveria se opor o espírito moderno (QUENTAL, 1942).

Enfim, as cidades, “mais que arenas de conflitos e transcendência”, como observa Morse, são espaços de “acomodação e resistência” (MORSE, 1995) que podem ser percebidos através de uma combinação de diferentes perspectivas. É partir desta idéia que pensaremos a experiência carioca.

Convidados para vir ao Brasil pelo então presidente da República Epitácio Pessoa, o Rei Alberto I e a Rainha Elizabeth chegaram à cidade do Rio de Janeiro no dia 19 de setembro de 1920. Os monarcas, exemplos de humanidade e heroísmo por sua participação na Primeira Guerra Mundial, foram recebidos no cais da Praça Mauá por uma multidão ávida por vislumbrar o tão famoso rei da Bélgica. Após serem recebidos pelo presidente da República, Epitácio Pessoa, e pelo prefeito da cidade, Carlos Sampaio, entre outros membros do governo, os soberanos seguiram em carro aberto pela Avenida Rio Branco, especialmente decorada para a ocasião, passando pelo Flamengo e indo até o Palácio Guanabara onde ficaram hospedados. Os soberanos belgas ficaram na cidade até o dia 27 de setembro quando partiram para o interior do estado e visitaram as cidades de Petrópolis e Teresópolis; foram também recebidos nos estados de Minas Gerais e São Paulo. Voltando para a cidade do Rio de Janeiro no dia 12 outubro, partiriam para a Bélgica no dia 16 do mesmo mês.

Os ilustres visitantes, representantes de uma nação européia, civilizada e avançada, tiveram então uma grande recepção, com várias festas realizadas em sua homenagem. A preocupação por parte das autoridades em passar a imagem de um Brasil civilizado, pode ser observada principalmente na organização da capital federal para a recepção. Mas como pensar esta cidade que se organiza para receber a realeza? É essencialmente, uma cidade que sofre

uma intensa reforma urbana que a altera significativamente, criando novos espaços de sociabilidade.

A cidade do Rio de Janeiro reformada, iluminada, saneada e modernizada, figurava como símbolo de que o Brasil havia finalmente ingressado na era do progresso e da civilização. Assim, através de uma política altamente repressiva, é constituída toda uma cidade para o rei Alberto ver, isso significou sanear e civilizar o centro da cidade, expulsando principalmente as prostitutas (CAUFIELD, 2000: 130). As medidas tomadas neste sentido serão vistas mais a frente, pois um debate bem interessante toma forma logo nos primeiros meses do ano e envolve as mudanças na prefeitura na cidade. No período de janeiro de 1919 ao final de 1922, três personagens irão passar pela prefeitura do Distrito Federal: Paulo de Frontin e Carlos Sampaio, e no meio dos dois o desconhecido Milcíades de Sá Freire.

Frontin e Sampaio fazem parte dos prefeitos engenheiros que escreveram seus nomes na história da cidade e se tornaram verdadeiros mitos ao lado de Pereira Passos, apesar das diferenças nas formações e na visão de cidade existentes entre os dois primeiros e este último. Para pensar estes personagens, bem como, a cidade do Rio de Janeiro em 1920 utilizo a abordagem de André Azevedo, que procura desconstruir as visões clássicas da reforma Passos ao observar que ocorreram duas intervenções urbanísticas entre 1903 e 1906, uma dirigida pelo governo federal e outra pela prefeitura². O curto governo do engenheiro Paulo de Frontin em 1919 (de janeiro a julho) é um exemplo clássico desta política pública, um dos primeiros pontos do seu programa de obras era a derrubada do Morro do Castelo, no entanto, tal projeto só viria a ser realizado com o prefeito Carlos Sampaio. Frontin focalizou então a Zona Sul como seu principal canteiro de obras, abrindo ruas por toda a costa até São Conrado.

Com a posse do presidente Epitácio Pessoa em julho 1919, é nomeado outro prefeito para a cidade, o advogado Milcíades de Sá Freire³. A situação da cidade é delicada e o novo prefeito planeja restabelecer o equilíbrio financeiro, no entanto, surge uma discussão interessante: como atingir tal objetivo (equilíbrio das contas públicas) se a cidade em um futuro muito próximo iria ser o palco principal de dois grandes eventos? O primeiro grande evento é a visita dos reis belgas (setembro/outubro de 1920) e o outro a exposição do Centenário da

² Azevedo faz referencia a trabalhos sobre a reforma de Passos publicados nos anos 80 como o de Jaime Benchimol (1992) e de Mauricio de Abreu (1997), onde esta aparece como algo homogêneo, com o objetivo único de excluir as camadas populares da cidade, sob a direção ditatorial do prefeito Pereira Passos (AZEVEDO, 2003).

³O advogado iniciou sua trajetória política no Conselho de Intendência em 1892, foi eleito deputado pelo DF em 1897-1889, permaneceu na Câmara até 1909 quando conquistou cadeira no Senado cargo que renuncia em 1916, tendo papel de destaque no PRDF em 1906 (PINTO, 2002: 63).

Independência do Brasil (1922); a cidade deveria se apresentar, no mínimo, com as reformas que já haviam começado terminadas.

No curto período de sua gestão, Sá Freire conseguiu angariar muitos inimigos e poucos amigos. Sua administração, devido à política de contenção de despesas, começa a ser representada como atrasada, como inadequada à cidade, um exemplo são estas duas charges do caricaturista Storni, ambas publicadas na revista *O Malho*:

Um prefeito bom tempo

O Modernismo: - Fala-se muito de V.Ex.Sr. prefeito, como homem carranca, retrogrado.

O prefeito: - É que os grandes homens sempre vivem fora de seu tempo. Por exemplo Ruy Barbosa devia ter nascido 100 anos depois.

O Modernismo: - E V. Ex deveria ter nascido no tempo de D.João VI!

(O Malho, Rio de Janeiro; 24 de abr. de 1920)

Outra charge:

Prefeito: - Comunico a população desta capital uma grande limpeza na cidade embora, isto seja contra a minha índole, e me cause verdadeira pena arrancar o capim das ruas, faço-o no entanto, em holocausto ao progresso e a higiene pelo quais mantenho um pavor (O Malho; 15 de set. de 1920).

A primeira charge é de uma sutileza sem igual ao representar o prefeito em cima de um burro demonstrando claramente sua administração como estando “empacada”. Na segunda, Sá Freire aparece com uma vassoura na mão declarando seu horror ao progresso e à higiene. Mais críticas nesse sentido virão do jornal *O Paiz* para quem o prefeito teria uma idéia sobre os negócios municipais “diametralmente antagônica dos interesses da cidade e dos seus habitantes”, estaria “indiferente” aos mesmos, suas ações estariam fazendo a cidade voltar “a tempos já quase varridos da nossa memória”, ao seguir uma “política de inação e do retrocesso aos costumes quase esquecidos de tempos idos” (*O Paiz*, 06 de abr. de 1920).

No entanto, existiam também defensores do prefeito econômico. Tanto jornal *A Noite* quanto o *Jornal do Brasil* reservavam suas críticas à administração de Frontin, com seus gastos excessivos, e seus elogios a Sá Freire por seu comprometimento em realizar “o trabalho ingrato e impopular de reorganizar, por assim dizer, o governo da cidade”. Um “verdadeiro trabalho de Hercules”, segundo o *Jornal do Brasil*, que em comparação aos “trabalhos de Hercules da administração anterior” definitivamente não iria deslumbrar platéia alguma (*Jornal do Brasil*; 15 de fev. de 1920). A revista *D.Quixote*, apóia também a atitude de Sá Freire de controlar os gastos, o que pode ser visto na coluna ‘Mixed Pickels’, caracterizando-o como o “mais patriota e nacionalista dos nossos administradores” (*D.Quixote*; 09 de jun. de 1920).

A permanência de Sá Freire na prefeitura será curta, o advogado acaba pedindo demissão do cargo em 07 de junho de 1920. Com a imagem política desgastada pelas críticas da imprensa, o prefeito se indispõe também com a Associação Comercial ao se recusar a afrouxar o imposto de exportação (PINTO, 2002: 287). No entanto, o fator determinante para sua saída, segundo o próprio Sá Freire colocou em entrevista para o *Jornal do Brasil*, foi o novo regulamento do Departamento Nacional de Saúde Pública que atentava contra a autonomia do Distrito Federal (*Jornal do Brasil*; 08 de jun. de 1920).

Enfim, Carlos Sampaio assume a prefeitura e sua precária situação financeira, assim, para terminar as obras que estavam em andamento e fazer ainda o conserto e limpeza de várias ruas da cidade, fez imediatamente aquisição de um empréstimo. Para a revista *O Malho*, somente a visita dos reis belgas, e com isso a enorme necessidade de embelezar a cidade, fez com que Eptácio Pessoa se livrasse da “preguiça de Sá Freire” e se virasse para a “tábua de salvação” que é Carlos Sampaio. Para a revista, Carlos Sampaio seria então:

um homem de ação (...) Parece até que tem 'alma' de Frontin e 'cérebro' de Passos! (...) Veja como o prefeito voa e se multiplica acudindo a todos os pontos fracos. Novas ruas novas avenidas. Demolições. Retificações. Limpeza. Arborização. O Diabo! (...) Na pessoa de Carlos Sampaio levantou-se o extinto Passos, e o Frontin deu homem por si. (...) “teremos uma cidade melhorada, embelezada, teremos limpeza e irrigação, saneamento, teremos edifícios próprios para escolas teremos casas para operários e para gente de poucos recursos (...) tudo que for possível fazer com muito dinheiro e apenas dois anos e pico de administração (O Malho; 07 de ago. de 1920).

A identificação de características de dois personagens como Frontin e Passos, em um só (Sampaio) demonstra a força destes dois prefeitos na criação de uma imagem de cidade que ficou marcada, ajudando na construção de uma identidade, que ao ser identificada em Carlos Sampaio, agradou a revista. Carlos Sampaio seria então o prefeito que “está preocupado com as necessidades do Rio”, como coloca *O Paiz*:

Agora que a cidade tem, de novo, um administrador, pode-se chamar a atenção do prefeito para os seus problemas, confiante de que essa colaboração em prol das necessidades urbanas será recebida com satisfação pelo Dr Carlos Sampaio (O Paiz, 22 de jun. de 1920).

A revista *D. Quixote* que primeiramente havia defendido a política municipal de Sá Freire admite que o prefeito envergonharia a cidade perante os reis belgas, pois não seria possível recebê-los “com as ruas reverdejantes de tiririca e de capim melado”. O novo prefeito era um homem viajado, que já conhecia as “grandes capitais do mundo”, sendo possível então “esperar

dele uma administração civilizada” (*D. Quixote*; 16 de jun. de 1920). A piada publicada neste mesmo número da revista ajuda a compreender um pouco mais a posição da revista:

(...) *No saguão da Prefeitura:*

- *O Sá Freire não pediu demissão; foi exonerado a bem do serviço publico!*

- *A bem do serviço público?*

- *Justamente! Queria cuidar seriamente de finanças e de instrução num país que só precisa de duas coisas: receber o rei da Bélgica e festejar o centenário da independência* (*D. Quixote*; 16 de jun. de 1920).

Aos poucos os melhoramentos começam a ser realizados, visualizando-se as características empreendedoras dessa nova administração. O editorial “Pelo molde da civilização” da revista *Careta* é um exemplo claro disso:

O Sr. prefeito do Distrito Federal anda a correr pelas ruas da capital com uma entidade diabólica fazendo desaparecer de sua fisionomia atual algumas das horríveis manchas que ainda lhe ficaram da deprimente máscara antiga...
(*Careta*; 31 de jul. de 1920).

Estas “horríveis manchas” as quais a revista se refere deixam a cidade “de cara suja”, sendo a maquiagem a única solução para encobrir essas “nódoas” (*Careta*; 31 de jul. de 1920). A opinião da revista é comentada também por Carlos Kessel quando este analisa a posição extremamente favorável da mesma com relação à derrubada do Morro do Castelo (KESSEL,2001: 93).

Outro artigo, também no *Correio da Manhã*, de Costa Rego especula sobre o que deveria ser negado aos olhares reais. O artigo começa elogiando a figura de Carlos Sampaio “homem de movimentos rápidos e iniciativas prontas” entretido em “preparar alguma coisa com a qual se deleitem os olhos régios de Sua Majestade”. O jornal afirma que a cidade passava por um verdadeiro delírio, o “delírio belga”, ou, como o autor coloca o “delírio de parecer bem”. Este delírio, diz o autor, está em todo lugar: “ao topar na rua com uma turma de trabalhadores a endireitar a calçada ou até de varredores a afugentar o lixo sem monologar: - É para o rei dos belgas ver” (*Correio da Manhã*; 07 de ago. de 1920).

É importante, afirma o autor, que o rei nos encontre na “sala de visitas, tesos como nos manequins de alfaiataria, em lugar de nos surpreender de pijama a escovar os dentes no banheiro”. O que já poderia ser percebido nas ruas na postura dos transeuntes que se tornam “alertas e apressados, com a idéia evidente de parecerem ao rei vivos e experimentados *boulevardiers* e não mansos e resignados descendentes daquele personagem a que o Sr. Monteiro Lobato deu o apelido de Jeca Tatu” (*Correio da Manhã*; 07 de ago. de 1920).

Assim, seria preciso então “arrumar a casa”, como as donas de casa que “usam de engenhosos artifícios para disfarçar a pobreza dos seus cristais a ausência de alfaias e até a louça rachada”, deveria o governo se empenhar, pois, “em matéria de visitas regias há por aqui muita louça que já não serve. Uma pesquisa aos armários indicaria o que precisamos reprimir diante dos olhos do rei”. E assim conclui que o rei não deveria ver: “o morro da Favela; a rua do Passeio depois de meia noite; a estação Leopoldina, na praia Formosa; o teatro São José e os campeonatos de foot ball”. Infelizmente, o autor não explica porque escolheu tais lugares ou eventos, mas, de acordo com o que coloca em seu artigo é presumível que seriam lugares depreciados, que não estariam de acordo com a imagem de cidade que queria se passar para o rei. (*Correio da Manhã*; 07 de ago. de 1920).

Mas a preparação a capital federal para a chegada do rei não englobaria somente reformas, obras e embelezamentos estéticos. Outras medidas seriam tomadas com relação ao controle de sua população. A limpeza seria geral com a moralização e segurança das ruas, através das inúmeras campanhas empreendidas pelo chefe de polícia Dr. Geminiano da Franca, muito elogiadas pelo *Jornal do Brasil*, que atendendo ao pedido do público, recomendou aos delegados do 4º distrito que exercessem a maior vigilância possível em torno das meretrizes, não lhes permitindo licenciosidades, nem exhibições ofensivas a moral pública. Tal decisão do chefe de polícia, coloca o jornal, “merece louvores pela moralidade em que se acastela” (*Jornal do Brasil*; 02 de jul. de 1920).

A demanda por uma limpeza geral aparece também na revista *D.Quixote*, que ao comentar as melhorias realizadas pela cidade, pede que se limpem também as pessoas ‘sujas’ “do mais baixo e sórdido meretrício que perambulam pela cidade”, pois não fica bem o rei Alberto ver “tais espécimes da Flora do Pecado.” Afinal é “para bem de todos e felicidade geral dos que marcham nos impostos.” É a “limpeza ilimitada” que está passando pela cidade livrando-a de seus elementos considerados indesejados. (*D.Quixote*; 25 de ago. e 15 de set. de 1920)

É importante ressaltar que as campanhas realizadas pela polícia nem sempre mereciam aplausos, poderiam ocorrer acusações de abuso de autoridade (BRETAS, 1997:116) Nesse ponto, a campanha organizada por Geminiano da Franca seria alvo posteriormente de um artigo crítico do advogado Evaristo de Moraes contra o poder arbitrário exercido pela polícia sobre as prostitutas, cujo pretexto era “evitar que os escândalos do meretrício pobre nos pudesse desmoralizar perante o rei Alberto” (*Apud CAUFIELD*, 2000: 130). Um reflexo, observa Caulfield, da democracia hipócrita existente no país onde os indivíduos eram protegidos por leis que o Estado não respeitava. A repressão recai também sobre movimento operário. Este novo

problema para a polícia, que emerge na década 10 foi alvo de medidas de segurança extraordinárias, com a prisão de vários líderes operários (BRETAS, 1997: 72).

É perceptível que as diferentes experiências aqui analisadas têm em comum o fato de projetarem, cada uma com suas peculiaridades, uma imagem de cidade, que pode ser a da cidade “ideal” e/ou a de uma cidade que deve ser sobrepujada. São diferentes experiências, produzindo visões em grande parte antagônicas, mas permeadas por questões similares. Questões essas, levantadas pela modernidade, que força um movimento de reflexão que se liga ou não ao passado. Em alguns momentos, é um passado que precisa ser esquecido, como coloca Otto Wagner em suas reflexões sobre Viena, outras vezes é um passado áureo que precisa ser lembrado, em um esforço para demonstrar que era possível sair da escuridão, faço referência aqui à experiência de Antero de Quental e sua visão de Lisboa como uma cidade cheia de vícios, mergulhada na decadência. Nesse ponto é que aparecem os mitos, o mito do liberalismo como grande salvador, o mito de Paris como a grande cidade da modernidade, cuja reforma serve de exemplo para transformar uma cidade atrasada em uma cidade moderna.

No caso da cidade do Rio de Janeiro, vemos que em grande parte seu passado ainda incomodava, a cidade que se apresentaria aos os reis belgas ainda apresentava certas “manchas” que deixavam-na “de cara suja”, certos obstáculos que impediam-na de se modernizar. A valorização de Carlos Sampaio ocorre muito neste sentido, determinado a levar à cabo sua tarefa e mostrar ao estrangeiro “do quanto somos capazes” (*Apud* KESSEL, 2001: 52). E Sá Freire? Simplesmente não era um prefeito moderno, ou melhor, não se identifica com a cidade. Carlos Sampaio surge então como um grande salvador, à altura de Pereira Passos e Paulo Frostin.

Conectando esta idéia ao episódio da saída de Sá Freire, vimos que a revista *D. Quixote*, assim como o *Jornal do Brasil* defendiam Sá Freire, afinal era seria um prefeito sério que gastaria com parcimônia o dinheiro público. No entanto, com a entrada da Carlos Sampaio, ambos perceberam que não seria possível ter uma cidade embelezada e reformada com o antigo prefeito, a solução foi elogiar Carlos Sampaio por suas excelentes qualidades como empreendedor e como o homem mais indicado para retomar o processo de modernização da cidade. Para Sá Freire é relegada a posição de homem sério, mas que estava na hora errada no lugar errado.

Que cidade se gostaria de construir para receber o rei? Essencialmente, uma cidade moderna e civilizada. A preocupação com o prefeito da cidade é altamente compreensível, pois fica clara a necessidade de uma figura que se identificasse com esta cidade imaginada civilizada e modernizada, para organizá-la para a recepção real. Completar essa imagem de

cidade incluía livrá-la também dos elementos indesejáveis, realizando campanhas repressivas entre prostitutas, mendigos e operários. Era preciso “arrumar a casa”, controlar sua população, e construir uma imagem de uma população composta de “ricos e experimentados boulevardiers”, afinal, era preciso construir um Rio de Janeiro “para o rei Alberto ver...”.

Referências

Fontes

Jornais:

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 1920. Biblioteca Nacional.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 1920. Biblioteca Nacional.

A NOITE. Rio de Janeiro, 1920. Biblioteca Nacional.

O PAIZ. Rio de Janeiro, 1920. Biblioteca Nacional.

Revistas:

REVISTA CARETA. Rio de Janeiro, 1920. Biblioteca Nacional.

REVISTA D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, 1920. Associação Brasileira de Imprensa.

REVISTA O MALHO. Rio de Janeiro, 1920. Biblioteca Nacional.

Livros e artigos

ABREU, M. A. **A evolução urbana do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: IPLANRIO 1997

AZEVEDO, A. N. **Da monarquia à república: um estudo dos conceitos de civilização e progresso na cidade do Rio de Janeiro entre 1868 e 1906.** Tese de Doutorado, Departamento de Letras, PUC-Rio, 1996.

_____. A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana. **Revista Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, n.º 10, maio-agosto 2003.

AZEVEDO, Ricardo Marques de. **Uma Idéia de Metrópole no Século XIX.** *Rev. bras. Hist.*, 1998, vol.18, no.35, p.165-183. ISSN 0102-0188.

BAUDELAIRE, C. **Sobre a modernidade.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

BENCHIMOL J. L. **Pereira Passo: um Haussman tropical – a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no principio do século XX.** Rio de Janeiro: Secretaria de Cultura, Turismo

e Esportes. Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.

BRENNAN, G R (org). **O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma cidade em questão II**. Rio de Janeiro: Index, 1985. P. 575.

CAUFIELD, S. **Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2000.

QUENTAL, A. *Causas da decadência dos povos peninsulares nos três últimos séculos*. In: **Prosas Escolhidas**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1942.

SCHORSKE, C.E. **Viena fin-de-siècle. Política e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. **Pensando com a História. Indagações na passagem para o modernismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

KESSEL, C. A vitrine e o espelho: o Rio de Janeiro de Carlos Sampaio. **Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas. Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural. Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.**

KOTHE, F. (Org.) **Walter Benjamin. Sociologia**. S.Paulo: Editora Ática, 1985.

LOPES, A. H.(Org.). **Entre Europa e África: a invasão do carioca**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, Topbooks, 2000.

MORSE, M. M. As cidades 'periféricas' como arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.8, n. 16, 1995, p.205-225.

MOTTA, M.A. **A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas – CPDOC, 1992.

OLIVEIRA, L. L. (Org.). **Cidade: História e Desafios**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

PINTO, S.C.S. **Elites Políticas e o Jogo de Poder na Cidade do Rio de Janeiro (1909-1922)**. Rio de Janeiro: Tese Doutorado UFRJ/IFCS, 2002.

PESAVENTO, S.J. Muito além do espaço: por uma História Cultural do Urbano. **Revistas Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 8, n.16, 1995, p.279-290.

Recebido em junho de 2009

Aprovado em novembro de 2009